

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

**PREÇO DAS ASSIGNATURAS**

EM AVEIRO— ANNO 50 (NUMEROS) 1\$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.  
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 1\$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.  
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 2\$000 RS.

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

**AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS**

**PREÇO DAS PUBLICAÇÕES**

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.  
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.  
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA N.º 7

**AVEIRO**

**FOLGANÇA**

Tudo folga! Folga a corte e folga o Zé. Folga sua alteza o principe D. Carlos a pendurar baldões venezianos nas arvores dos seus parques e nas burricadas de Cintra e nas reinalas de Cascaes, por onde se vê que isto de reger um paiz não é das cousas mais duras nem difficéis d'este mundo. Folga sua alteza a princeza D. Amelia... porque acaba de entrar no seu estado interessante, folga que se fosse sempre folga teria o inconveniente ou a vantagem, como queira sua excellencia o Zé, de alliviar a bolsa do paiz.

Folga sua magestade el-rei a refrescar-se nas aguas do oceano e nas flores viçosas da *estranja* apesar de não estarmos no melhor tempo das rosas e dos frescos terem o seu perigo, perigo de pneumonias por exemplo, n'este calor ardente que soffremos. N'outro dia o correspondente da *Provincia* em Paris, noticiando a chegada áquella capital do sr. infante D. Augusto, dizia para o jornal do sr. Oliveira Martins que sua alteza real andava pelos cafés com as cocottes. Que não haja dôr de cotovello para as meninas aveirenses! Cremos firmemente que o sr. D. Augusto não ha de deixar em terras de França a parte mais macia do seu corpo, isto é, aquelle decantado coração cujo succo dulcissimo foi tão vivamente disputado pelas borboletas da terra dos ovos molles. Então não ha motivo para tristezas, nem nós seriamos capazes de entristecer tão suaves creaturas. *Tempo virá em que cada um se satisfará.* Isto só vem a proposito de dizermos que ape-

zar de estarmos convencidos de que sua magestade o sr. D. Luiz é um homem serio, sisudo e pacato, não acreditamos que o movel da sua viagem na Europa seja procurar um apoio ao seu throno como affirmam os republicanos. São elles que querem *importancia!* Nada. As travessuras do sr. duque de Coimbra vieram-nos dar a ideia clara dos intuitos do sr. D. Luiz. Sua magestade vae-se apenas divertir, o que não quer dizer de maneira nenhuma que sua magestade seja capaz de faltar ao respeito que se deve. Não fica mal a nenhum velho fazer de rapaz uma vez na sua vida. Folgue, pois, sua magestade como queira, em Londres ou Paris, em palacios ou cabanas, em restaurantes ou hoteis, que nem lhe fica mal nem o paiz se irrita. O paiz paga e está contente.

Folga sua magestade a rainha nas suas illustres caldas, banhando-se nos seus reaes banhos. e dando, juntamente com seu filho que a acompanha na folgança, um subsidio artistico á fabrica dos Bordallos. Segundo dizem as gazetas, sua magestade converteu uma das salas grandiosas do seu palacio em officina de olaria. Foi em honra de Bordallo certamente. E' verdade que as mesmas gazetas, que se mentem muitas vezes tambem ás vezes dizem verdades como punhos, noticiam ao mundo que o sr. Raphael Bordallo Pinheiro levantou vivas a sua magestade a rainha, o que nada tira nem põe ás suas opiniões democraticas, segundo as modernas theorias dos nossos republicanos, quer dizer do *Seculo* e do sr. Loureiro redactor do mesmo e o mais genuino representante da nacional opinião republicana, o qual entende que cada um pode fazer o que quizer sem deixar de ser republicano. Então percebe-se a cousa. O sr. Raphael Bordallo, por espirito de summa delicadeza, fez-se corte-

zão para ser agradavel a sua magestade a rainha. Sua magestade a rainha, com *aquella galanteria que todos lhe conhecem*, advinhando a suprema distincção do sr. Bordallo Pinheiro, fez-se proleteria, *republicanizou-se* por deferencia ao republicano Bordallo. Mas no fundo, sempre segundo a moderna theoria republicana, ella ficou sendo a rainha e elle ficou sendo o caricaturista do Antonio Maria. Isto é, o sr. Bordallo tambem *folga*, como folga o Zé feito parvo a olhar para tudo isto *sem perceber nada*, como folgamos nós hoje sem pachorra para fallar de cousas serias e escrever de politica.

**REPUBLICANICES**

Temos seguido com curiosidade a questão travada na *Verdade*, de Thomar entre os srs. Loureiro e José de Souza a proposito d'um artigo sobre o casamento civil. Está claro que não podiamos de forma nenhuma intervir n'essa questão; tinhamos de estar caldos até que terminasse. Mas mais claro é ainda que não podiamos, dêsse lá por onde dêsse, deixar fugir as tolices, já agora *proverbias* do sr. Loureiro, logo que os dois contendores depozerem as armas. Quer dizer, não era regular que deixassemos de lhe dar maior publicidade, por interesse da politica que defendemos. Apanha-las, apanhou-as o Sr. Sousa muito bem.

Vamos, pois, a ellas. Lá vae uma:

«Uma crenga religiosa é uma mola de tão temperado aço que parte mas não verga, como as limas, e resiste a tudo, domina o ser. Ora, dizer aos filhos, aos filhos queridos das nossas entranhas, que firam os paes, na tarde

da vida, justamente no sentimento mais arreigado e vulneravel, é deshumano, barbaro, contraproducente para as idéas, e sobretudo: é romano. Faz-nos lembrar Catão dando-se a morte, ou Bruto condemnando os filhos á decapitação.»

Um jesuita não fallaria com tanto sacramento. Eu não devo ser livre pensador para não incomodar meu pae que é catholico; mas meu pae é tão ferrenho em politica como é em religião. Quem sabe? Talvez ainda quebre mais lanças pelo sr. deputado realista do que pelo sr. Papa. Logo eu não devo ser republicano para não incomodar meu pae monarchista!

E esta! Já viram maior propagandista dos principios democraticos? Bem se vê que é um chefe do partido, membro do corpo consultorio ou de qualquer cousa da egrejinha republicana. E o que elle *consulta* é que o partido republicano portuguez é uma infamia social. O que elle *consulta* do alto da sua cadeira de propheta é que nós todos republicanos somos uns barbaros, uns deshumanos, umas feras, porque sendo os paes de nós todos monarchistas, ousamos *ferir-los na tarde da vida* pensando d'uma maneira diferente d'aquella porque elles pensam.

Ora ahi teem, srs. republicanos, ahi teem um propheta que vos amaldiçoa.

Porem, nada de deixar escapar o comico do caso. Vão vê-lo na sova monumental que o sr. grão mestre da ordem de S. Sebastião applica no orago da sua irmandade.

O sr. Magalhães Lima contanos uma scena pathetica a paginas 29 do seu ultimo livro, o *Processo da Monarchia*. Ougamo-la, com o respeito que se lhe deve por todos os motivos.

«Esse jornal (a *Republica Portugueza*) vendia-se a vintem. Foi

ahi que eu principiei a publicar uns artigos, intitulados— *Padres e Reis*— que depois sahiram em opusculo. A imprensa atacou-me rudemente. Que era um hereje, um atheu, o diabo!— *Minha mãe, de joelhos, pedia-me que não continuasse a escrever contra os padres.* Podia-se suppôr que ella não me havia dado educação— dizia, na sua boa e generosa simplicidade. Um combate enorme se travou no meu espirito. *Por um lado os doces affectos de familia; por outro lado o dever que a consciencia me impunha. Este fallava mais alto em mim que qualquer outra consideração. Quem cumpre o seu dever procede honestamente e o procedimento mais honesto é sempre o procedimento mais digno.* Por isso nunca vacillei na guerra movida desde os meus primeiros annos contra o clericalismo e contra a realza; por isso nunca vacillarei.»

Arre (com licença de v. Ex.º) arre sr. Magalhães Lima, que vocemecê é barbaro, vocemecê é deshumano, vocemecê é uma fera, que feriu sua mãe, na tarde da vida, justamente no sentimento mais arreigado e vulneravel. Pois o sr. Magalhães Lima ousou praticar tamanho attentado? Ousou escrever artigos contra os padres e ousou não attender as lagrimas, os choros, os rogos de sua mãe? Pois o sr. Magalhães Lima depois de ter ousado isso tudo, ousa ainda fazer gala dos seus actos e declarar que não *vacillou* nem *vacillará* porque o dever de consciencia está acima dos affectos de familia? Então leve para seu tabaco do proprio redactor principal do seu jornal, do seu papa, do seu querido amigo. Nós, ao menos, nunca lhe chamamos fera. Fera! Isso nunca. Deshumano, barbaro! Abrenuncio. De tantos não somos nós capazes. Não, não. Seja tigre embora, seja lobo, e seja o sr. grão mestre o cordeiro

**POLHETIM**

1789

**III A TOMADA DA BASTILHA**

Ainda na manhã do grande dia o povo estava desarmado. A polvora que tinha de vespera obtido no Arsenal e collocado no Hotel de Ville foi-lhe lentamente distribuida durante a noite por trez homens apenas. Tendo cessado a distribuição um momento pelas duas horas, a multidão desesperada arrombou as portas do armazem ás martelladas; as pancadas dos martellos faziam fogo sobre os pregos.

Espingardas, não havia! Era forçoso procura-las, ir rouba-las aos invalidos, negocio difficil aliuz. E' verdade que a casa dos invalidos era aberta por todos os lados. Mas o governador Sombreuil, velho e bravo militar tinha recebido um forte destacamento de artilheria e das respectivas peças, sem contar com as que elle possuia já. Por pouco que esses canhões servissem, a multidão podia ser apanhada de flanco pelos regimentos que Besenval tinha na escola militar e dispersa facilmente. Teriam esses regimentos, regimen-

tos estrangeiros, recusado proceder? E' conveniente n'esse ponto duvidar de Besenval. O que parece mais claro é que abandonado a si proprio, este ficasse hesitante e como que paralyzado de espirito. De manhã mesmo, ás cinco horas, recebeu uma visita singular. Apresentou-se-lhe um homem, pallido, com os olhos inflamados, a palavra rapida e curta, o todo audacioso... O velho presumido, que era o official mais frivolo do antigo regimen, mas bravo e frio, contemplou o homem e gostou de o ver assim: «Senhor barão, disse o homem, venho-vos advertir de que é escusado resistirdes. As barreiras serão hoje queimadas; (1) tenho a certeza d'isso e ninguém será capaz de o impedir, nem mesmo vós.»

Besenval não teve medo. Mas nem por isso deixou de receber o golpe, de lhe soffrer o effeito moral. «Achei n'este homem, diz elle, o que que é d'eloquent que me impressionou... Deveria mandalo prender, mas preferi deixa-lo ir em paz.» Eram o antigo regimen e a revolução que acabavam de se encontrar cara á cara, ficando o primeiro cheio de pasmo pela revolução.

Ainda não eram nove horas, quando trinta mil homens se apresentaram de-

(1) Vê-se por estas palavras que ás cinco horas ainda não havia nenhum plano formado. O homem em questão, que não era do povo, repetia, segundo todas as apparencias, os boatos do Palais Royal.

fronte dos invalidos. Via-se á frente o procurador da cidade, que o comité dos electores não tinha ousado recusar. Entre elles algumas companhias de guardas francezes, fugidos das casernas. Notava-se no meio dos clerigos da Baroche, com o seu velho habito vermelho, o cura de Saint-Etienne-du-Mont, que, nomeado presidente da assemblea reunida na sua egreja, não declinou a missão perigosa de conduzir a força armada.

O velho Sombreuil foi muito habil. Apareceu á grade e disse que effectivamente tinha espingardas, mas que era um deposito que lhe tinham confiado e que a sua delicadeza de militar e de fidalgo lhe não permittiam trahir. Este argumento improvisado fulminou a multidão; admiravel candura do povo, n'essa primeira phase da revolução! Sombreuil accrescentava que tinha mandado um correio a Versailles, — que esperava a resposta, sempre protestando amizade e affecto ao Hotel de Ville e á cidade em geral.

A maior parte queria esperar. Felizmente estava alli um homem menos escrupuloso que impediu a multidão de ser assim mystificada. Não havia tempo a perder; e de quem eram essas armas, senão da nação?... O povo saltou, pois, para os fossos, invadiu o palacio, e levou consigo vinte e oito mil espingardas, com vinte peças d'artilleria.

Tudo isto entre as nove e as onze. Mas corramos á Bastilha. O governador De Launey estava em armas desde as duas horas da noite de 13.

Não tinha desprezado nenhuma precaução. Além dos seus canhões de torre, tinha os do Arsenal, que collocou no atrio carregados de metralha. Eneheu as torres de pedras, balas e ferragens para esmagar os assaltantes. Em baixo tinha os seus soldados de maior confiança, trinta e dois suissos, que não hesitariam em atirar sobre os francezes. Os seus oitenta e dois invalidos estavam na maior parte dispersos, longe das portas, sobre as torres. Tinha feito evacuar a parte do edificio que cobria o pé da fortaleza.

No dia treze não houve nada, salvo as injurias que os viandantes proferiam contra a Bastilha. A 14, pela meia noite, dispararam sete tiros contra as torres. Alar-me! O governador sobe com o estado maior e fica meia hora a escutar o ruído longinquo da cidade; não ouvindo mais nada, desceu.

De manhã começou a affluir muito povo. Gritam que querem armas, mas ninguém os ouve. Attende-se, todavia, a deputação pacifica do Hotel de Ville, que, pelas dez horas, pede ao governador para retirar os seus canhões, prometendo que, se elle não fizesse fogo, não seria atacada a Bastilha. O governador accete logo e, cheio de alegria, convida a deputação a almoçar com elle.

Quando os membros da deputação sahiram, chega um homem que falla n'outro tom. Um homem violento, audacioso, sem respeito humano, sem medo nem piedade, sem conhecer obstaculos nem demoras, a encarnação do genio co-

lerico de Revolução... Vinha intimar a Bastilha.

O terror entra com elle. A Bastilha tem medo; o governador perturba-se e balbucia sem saber porque.

O homem era Thuriot, um cão de fila, da raça de Danton; encontra-lo-hemos duas vezes, no principio e no fim; a sua palavra é duas vezes mortal: mata a Bastilha e mata Robespierre.

O governador quer-lhe evitar a passagem da ponte, mas o homem segue avante e ei-lo em frente da enorme grade de ferro que fechava o terceiro pateo, que parecia antes um poço enorme, de que as oito torres formavam as paredes. Nem uma janella, n'estes terriveis gigantes! Aos seus pés, na sua sombra, era o unico passeto do prisioneiro, perdido no fundo do abismo, opprimido por estas massas enormes, não podendo contemplar senão a inexoravel nudez dos muros. Apenas d'un lado havia um relogio entre duas figuras representando dois presos carregados de ferros, como para encadeiar o tempo e fazer mais pesada a lenta successão das horas.

Ahi já estava a guarnição, o estado maior e canhões carregados. Thuriot não teve medo. «Senhor, disse elle ao governador, intimo-vos em nome do povo, em nome da honra e da patria, a retirar os vossos canhões e entregar a Bastilha.» E voltando-se para a guarnição repetiu as mesmas palavras.

(Continúa)

MICHELET.

ro do partido. Mas que fique assente que não fomos nós que lhe chamamos tigre.

E agora a valer!

Isto é serio?

Sómos nós que dividimos o partido ou são elles que não se entendem vivendo no mesmo tecto e ao mesmo lar?

O resto para domingo. Não falará que rir.

## MORALIDADE REPUBLICANA

Tem graça, tem graça! Como se sabe, os que se resolveram a dar para baixo no desavergonhamento dos grandes da republica da parvonia são vendidos ao governo. Quem lhe não poupa os erros, quem não pensa como elles, quer dizer, quem procede honradamente, é pelo menos *intransigente*, o que vale o mesmo para a canalha que ser espião regenerador ou progressista. Mas quem de facto se bandeia com a monarchia ou pratica actos da maior irregularidade é... grande, glorioso, querido amigo, o diabo a quatro!

N'outro dia disse-se por ahí que abandonaram o partido republicano alguns homens eminentes e acrescenta-se em toda a parte que se confirmou o facto. Pois a canalha, isto é os chefes e os garotos que os applaudem em tudo e por tudo, não tiveram uma palavra de censura para esses individuos. Tudo se remetteu ao silencio dos deuses. Se elles não davam bordoadas na canalha!... Se elles não chamavam tolo ao sr. Magalhães Lima!... Ficassem honradamente a trabalhar no partido republicano, mas saltassem á garupa das cavalgadas que o desacreditam, e veriam as amabilidades que em paga recebem.

Depois, o sr. Oliveira Martins escreveu um artigo de despeito em que molestava o governo actual. Logo um honrado, um puro, um serio, que se regenerava com certeza se continuava n'aquelle caminho. Pois se elle nunca chamou pelo nome ao sr. Magalhães Lima!... Tivesse ficado no campo republicano ou socialista em que abertamente militou, mas chicoteando os vendilhões da democracia e veria se lhe admittiam regeneração possível.

Depois, o sr. Ramalho Ortigão que presidiu a comícios republicanos e andou envolvido em mais politica democratica, teve fraquezas censuráveis. Salta um honrado, um grande, um glorioso escriptor para o *Seculo*! Pois se o realmente notavel escriptor ainda se não lembrou de deitar abaixo com a sua penna famosa os ridiculos e os enfatuados que pullulam no partido republicano! Enquanto o não fizer, tenha as fraquezas que tiver será grande, será glorioso, será honrado, será tudo de que é capaz a famosissima adjectivação do sr. Magalhães Lima.

Depois, o sr. Bortallo Pinheiro foi para as Caldas da Rainha dar vivas a sua magestade, em seguida a ter posto pelas ruas da amargura todas as magestades d'esta terra e a ter publicamente feito declarações republicanas em toda a parte. E o *Seculo* chama-lhe amigo e dá-lhe palmas! Pois se o celebre caricaturista ainda não foi capaz de desenhar o sr. Magalhães Lima de minhocas na cabeça e folle na barriga!

Depois, o sr. Ernesto Loureiro, papa da igreja republicana d'estes reinos de Portugal e Algarve, grão mestre da ordem de S. Sebastião, presidente de varios clubs, auditor junto da anti-jesuitica, etc, etc, etc, foi nomeado pelo sr. ministro da fazenda 1.º official do mesmo ministerio. O sr. Marianno de Carvalho a fazer uma graça de tal ordem a um redactor do *Seculo* por entre os applausos calorosos do mesmissimo *Seculo*! Seis pontos de ad-

miração, requeriam-se aqui; tres de pernas para baixo e tres de pernas para o ar. Se fosse por concurso, muito bem. Mas por antiguidade não deixou nunca de ser um favor, que o ministro mais atacado pelo *Seculo* podia sem irregularidade deixar de conceder.

Engraçado, muito engraçado! E são estes que perguntam por que é que alguns funcionarios publicos não são perseguidos pelas auctoridades por possuírem ideias democraticas, de que não fazem ostentação em publico. São perseguidos, geralmente, sin senhores e se se livram de maiores perseguições é pelo cumprimento rigoroso do dever. Mas porque é que o sr. Ernesto Loureiro, que se não esconde de redactor do *Seculo*, que preside a clubs publicamente, não só não é perseguido como é elevado a primeiro official do ministerio da fazenda? Tirem a moralidade do caso. Entretanto, como nunca caluniámos ninguém e sabemos fallar sem evasivas, não temos duvida em declarar que não vimos no caso nenhuma apostasia do sr. grão mestre da ordem de S. Sebastião. Apenas uma azã quebrada na sua auctoridade de censor, e uma perna de menos n'um redactor do *Seculo* e vice-chefe do partido. O que no fundo só vem afirmar que não ha partido republicano possível em parte alguma do mundo com funcionarios publicos á frente, naturalmente impossibilitados de uma direcção enérgica pela sua melindrosa posição.

E ahí tem a moralidade republicana. Quem lhe mostra os erros e os castiga, está vendido ao governo, ainda que não dê o minimo signal de apostasia nem receba graças de ninguém. Quem lhe cala os erros e não lhe *vae ao lombo*, é grande, é glorioso, é querido amigo, embora pratique apostasias revoltantes, faça figura de ventoinha ou receba favores de qualquer dos srs. ministros.

Até em moralidade são os primeiros moralistas do paiz!

## A MÃE ACTUAL

Muito se tem escripto e dito sobre a mulher, e alguma coisa, felizmente, se tem já operado.

Entrevê-se na grande familia humana—a sociedade, uma certa tendencia para caminhar alem; observa-se no seu organismo ainda bastante entorpecido pelos muitos achaques das religiões um desejo soffreg, activo, de trabalhar na conquista salutar do Futuro.

E' que a vereda luminosa da civilização ha de trilhar-se inevitavelmente. Alem, no horizonte, o triumpho, como uma estrella enorme, sorri-nos guiando a nossa coragem através a rudeza do caminho.

Não ha perigo. Os obices mais insuperáveis hão de vencer-se resolutamente. E' uma lucta sagrada, titanica, que nos embriaga, que nos arrebatá, que nos eleva á sublimidade das fulgentes ideias.

As rivalidades que rastejam são nullidades ridiculas. São brumas densissimas que a luz d'uma sã doutrina espanca para o abysmo do nada.

Detenhamo-nos um pouco. Na nossa frente ergue-se um vulto grandioso—a Mulher—Mãe!

Eis o enorme apoio onde se firma toda a sociedade moderna.

A Mulher—Mãe!—E' este o enérgico operario da obra eminente que se chama a Civilização!

Da sua educação, porém, podem resultar duas consequências diametralmente oppostas: Bem e Mal.

Explicemo-nos: se esse operario tiver a comprehensão nitida, profunda, do seu mister; se o seu espirito for allumiado pelos esplendores d'uma sciencia pura que o harmonise com a vida pratica, positiva; a sua obra ha de necessariamente completar-se com

essa perfeição magnifica que nos agrada e eleva.

Consequencia immediata: — Bem!

Se, porem, o operario teve uma escola atrazadissima, onde lhe inocularam ideias pessimistas, contrasensos nocivos, opiniões falsas e obtusas, a sua obra ha de resentir-se profundamente de maculas nojentas, de desacertos evidentes, que desgostam e opprimem.

Consequencia immediata: — Mal!

Portanto, é urgente educar e instruir a mulher moderna, mas d'uma maneira clara, mas d'uma forma precisa. Sem a pratica d'estes dois principios grandiosos a palavra—Democracia será óca de sentido.

Dêmos agora a palavra ao nosso intelligente amigo *Publius Scena*. Diz elle:

«Na vida social de uma nação importa muito ter sempre em vista que, para que uma sociedade possa entrar desassombadamente em jogo com todos os seus elementos, para que os possa utilizar harmonicamente, é mister ter presente qual o valor que esses elementos tem como coeficiente. E' esta uma lei de mechnica racional da maior importancia. Desconhecê-la é procurar a desordem, o cahos. Toda e qualquer mudança tem de vir de baixo, do berço, a pouco e pouco, inductivamente, do mais simples até ao mais complexo. Leibnitz, o mais vasto espirito que tem produzido a pensadora Alemanha, dizia—«que se reformaria o genero humano se se reformasse a educação da mocidade».

E' aqui a summidade da questão. A mãe tem sobre si a responsabilidade do futuro.

Logo: trate-se primeiramente de educal-a, empenhem-se os maximos esforços para lhe fornecer ao espirito um sustento benefico e pratico. E' a tarefa obrigatoria de cada um. Sem isto a reforma da educação no berço é esteril, vã.

Sacuda-se da imaginação da mulher moderna esses preconceitos religiosos, essas beatices estultas, prejudiciaes, que lhe enfraquecem o cerebro, e a tornam supersticiosa. Dê-se-lhe em troco uma instrucção carinhosa, sadia. Não uma instrucção pifia, unicamente theorica, que faça d'ella uma *pedante*; mas uma instrucção sã, geralmente orientada, de modo que na ventura ella seja um anjo, e na adversidade um escudo. Quer-se que a mãe actual, ao mesmo tempo que discute diante d'uma obra d'arte e se a larga em reflexões justas sobre um assumpto qualquer, saiba fazer um caldo e pegar n'uma tesoura.

O nosso amigo *Publius Scena* afirma com razão: «E' bem mais digna de elogio a mulher que passa as horas no trabalho agradável e proveitoso, do que a que desperdiça estupidamente o tempo deante do toucador, ou estendida negligentemente n'uma *chaise-longue*, a devorar romances dissolventes, que a cercam de uma atmosphera cheia de tristezas vagas, de excitações febrentes, de desejos exagerados.»

Emancipemos, pois, a mulher de certos erros deletérios, desviemola quanto possível das egrejas, d'estes focos repugnantes que sujam a honestidade, e corrompem os sentimentos puros.

Para elevar a alma basta o maravilhoso espectáculo da natureza creadora. Não mais hypocrisia, não mais escravidão. Verdade, luz!

D'aqui provirá necessariamente a perfeita educação da creança. Educar a creança é engrandecer a sociedade, e engrandecer a sociedade é fundar sobre alicerces inabaláveis o brilhante edificio que amorosamente nos abraça e destumbra—a Republica Universal.

Renato Franco.

## Carta de Lisboa

13 de agosto.

Estamos em baixamar de assumptos politicos. Não ha novidades de sensação, como é de costume n'este periodo em que os homens publicos abandonam com o calor os negocios e a lucta. Portanto, vejamos se podemos conseguir *encher o espaço* respigando algumas noticias nos jornaes.

—Sua magestade o sr. D. Luiz anda em viagem como se sabe e dizem os papeis que foi muito bem recebido na Inglaterra. A corveta Estephania, que o acompanhava, deu o trango-mango no caminho. Cousas nossas!

Sua alteza a princeza D. Amelia está no seu estado *interessante*. Isto é, d'aquí a pouco está a lista civil duplicada. Assim é bom.

Sua magestade a senhora D. Maria Pia está nas caldas da Rainha. Esta viagem de sua magestade é objecto de vivos commentarios por varios motivos, principalmente por causa da attitude do caricaturista Raphael Bortallo Pinheiro.

Os leitores talvez se não tenham esquecido de que a morte do antigo Antonio Maria, onde as instituições monarchicas foram tão flagelladas, deu lugar a que se suspeitasse da coherencia politica do sr. Bortallo Pinheiro. Nós fomos dos que sempre supozeram que a morte d'aquelle jornal obedecia mais a desgostos que os proprios republicanos causaram ao illustre caricaturista do que a outra cousa. Entretanto não deixámos de notar que os *Pontões nos ii*, que vieram substituir o *Antonio Maria*, nunca voltaram á violencia do falecido jornal. Por ultimo, para relacionar idas, vimos o sr. Bortallo Pinheiro agradecer pomposamente a commenda que el-rei lhe offereceu para o encontrarmos hoje a dar vivas á rainha nas Caldas. Ora se me causou surpresa o facto do sr. Bortallo Pinheiro agradecer ao rei que attentasse por uma forma tão escandalosa contra o que ha de mais digno no individuo, que é a coherencia politica, não lhes sei dizer que impressão me possam produzir os jornaes com a noticia dos factos que se estão dando nas Caldas da Rainha: Cada um que os julgue. O que é certo é que o partido republicano, nos seus homens importantes é o mais podre de todos os partidos. Não bastavam as toleimas, as pusillanidades e as frouxidades que havia por causa. Faltavam as deserções. E só nos ultimos mezes deram-se umas poucas.

Entretanto, ao passo que não se cessa de calumniar quem entendeu que o partido republicano só se podia organizar e regenerar por uma campanha violenta contra os seus defeitos, não ha uma palavra de censura, não ha um ferrete para marcar em publico ou em particular os que fazem da politica modo de vida e systema de arranjos! Sucia de pulhas. E ainda se diz, ainda se escreve que isto de citar apostasias e procurar traidores é contraproducente! Talvez; vamo-nos de facto convencendo que o melhor n'esta terra é cada um tratar da sua vida e deixar esse pantano miseravel que se chama a politica. Por isso, se cada vez nos orgulhamos mais de ser republicanos, cada vez temos mais pejo, altamente o confessamos em toda a parte, de pertencer ao partido republicano. E' verdade que não querendo tomar parte no ultimo congresso, nem temos as responsabilidades do que para ahí está organizado com o nome de partido, nem nos podemos considerar pertencendo a elle. Sómos uma simples individualidade, republicana sim, mas com a independencia e a liberdade de to-las, as individualidades, que só abandonaremos se o partido se organizar fortemente e entrarmos n'essa organização. Nem

por esse lado nos podem accusar. O *Povo de Aveiro*, despedindo-se do ultimo directorio em officio e não querendo tomar parte na eleição d'este porque não quiz ir ao congresso, tem toda a auctoridade para censurar os dirigentes republicanos. Até n'isso obedeceu á sua norma, que é a coherencia. E adeante.

—Como as *Novidades* desatará a tosa no *Seculo*, o *Seculo* immediatamente parou nas transcripções dos jornaes progressistas. Não os ha mais valentes! E o caso é que os jornaes da Granja fazem d'elles o que querem.

Sob o titulo *morta ou não*, lê-se hoje no *Diario de Noticias* um caso singularissimo de miseria, que já não temos tempo de apreciar largamente n'este numero.

Uma pobre mulher que morreu de fome ha seis mezes, e cujo cadaver ficou seis meses ignorado na mansarda! Horrivel, simplesmente horrivel! Eis como o *Diario de Noticias* o refere:

«Sob este titulo demos hontem a noticia do desapparecimento da inquilina do 1.º andar da casa n.º 6 da rua de S. Lourenço, podendo a policia vêr pela janella, com o auxilio de uma escada que o corpo da locataria se achava dentro de casa, caído de bruços e inanimado.

Só hontem ás 10 horas da manhã foi arrombada a porta pelo juiz do julgado comparecendo tambem o subdelegado de saude, sr. dr. Moraes de Carvalho, que verificou o obito, declarando que a vida havia já fugido d'aquelle corpo ha cerca de seis mezes, por congestão cerebral.

Chamava-se Guilhermina de Jesus, era viuva, natural de Alcobaca e contava 70 annos de idade.

O corpo estava mirrado, era uma verdadeira mumia.

Diz-se que a pobre velha luctava com grandes difficuldades para se poder alimentar, passando dias inteiros com 100 grammas de pão que molhava n'um copo de vinho.

Foram mandados queimar todos os artigos de roupa, e outros objectos de arranjo de casa, como providencia hygienica.»

Y.

## Carta da Bairrada

Agosto 13.

A inspecção parcial, sollicitada por alguns proprietarios de vinhas do concelho d'Anadia, deu em resultado o descobrirem-se muito mais focos phylloxericos, sendo já hoje raros os predios dos principaes viticultores do concelho, que não tenham, aqui e ali, espalhado o germen devastador que tomou á sua conta a destruição da vinha europea.

—O que se faz? o que se pensa na Bairrada de tudo isto?

Até agora, que nós sabíamos, não se tomou a serio, por parte das influencias locais, a ideia de uma associação protectora dos interesses vitícolas da localidade, e só temos por noticia que alguns proprietarios, cujas vinhas se acham affectadas, reclamaram sulfureto de carbono e injectores para começarem o tratamento das principaes nodoas, logo depois das vindimas. Oxalá que o exemplo d'estes proprietarios possa ao menos servir de estimulo para o tratamento geral, e que cedo se vençam os que hoje vivem illudidos ou cegos, de que, a não ser pela associação, serão improficuos os meios de defesa, porque só, associados os *pequenos e grandes proprietarios*, poderão ter força e dispôr de elementos para começar e não abandonar jamais o tratamento das vinhas doentes no caso de quererem ter colheitas regulares e viver com o phylloxera, como se vive com o *oidium*.

A maturação das uvas vae-se adiantando com os calores proprios da actual quadra, havendo já alguns prejuizos causados pelo

sol de dois dias muito quentes da semana passada, em que o termómetro á sombra marcou aqui 29°.

A colheita, como temos dito, será pequena, representando talvez um terço a menos d'uma colheita regular.

O vinho da ultima novidade está esgotado. As ultimas vendas fiseram-se a 36\$000 reis a pipa.

Falleceu em Mogofores o sr. José de Sousa Tudella, conhecido pelo «fidalgo do Atalho» em cuja povoação tinha casa e bens. Foi transportado para Agueda para ser depositado no jazigo de familia.

As principaes familias da Bairrada vão sahindo para banhos, procurando de preferencia as praias da Figueira e Espinho.

Aproveitem o tempo antes das vindimas, que provavelmente só terão logar depois de 20 de setembro.

## NOTICIARIO

### CORRESPONDENCIA

Esta semana enviámos recibos para Lisboa, Porto, Resqueira, Vallega, Mogofores, Antellas, Oliveira do Bairro, Mamarroza, Fermentellos, Odemira, Valle de Calhete, Saboia, Marvão, Guarda e Ferreira do Alentejo.

Aos cavalheiros a quem elles dizem respeito, rogámos a fineza de os satisfazerem.

Na impossibilidade de fazermos pelo correio toda a cobrança das assignaturas, pedimos o obsequio de nos remetterem os seus debitos os srs. assignantes residentes nas localidades onde o correio não cobra.

O Povo de Aveiro vende-se em Lisboa na Nova Livraria Internacional—rua do Arsenal 98, 100.

A local referente á garotada que publicámos no numero passado não fora destinada a ser publicada na secção do noticiario, mas na secção destinada aos artigos politicos. No lugar em que sahiu parece referir-se só aos garotos da terra, quando ella se refere principalmente aos garotos de fora. O seu a seu dono, que só por erro de paginação deixámos de dar no numero passado.

Acha-se gravemente enfermo o nosso amigo sr. Francisco de Pinho Guedes Pinto, escrivão da camara municipal.

Cerca d'uma hora da tarde de quarta feira, falleceu n'esta cidade o sr. José Antonio de Rezende, antigo empregado da extincta repartição dos expositos, e ultimamente amanuense do governo civil aposentado.

Ha tempo finára-se-lhe a esposa, e a impressão do golpe abalára-lhe profundamente o espirito tambem já alquebrado pelos seus oitenta annos de jornada.

O fallecido era um cidadão considerado e de vida honesta. Pela simpleza do seu viver, tinha a feição d'um patriarcha hebreu, se o seu espirito não fosse dotado d'uma actividade que se contrapunha á indolencia d'aquelles personagens biblicos.

O passamento do nosso venerando conterraneo foi, pois, geralmente sentido entre nós.

D'aqui enviámos á familia do mallogrado octogenario a expressão sincera do nosso pezame.

Hontem, cerca de uma hora da tarde, naufragou na barra d'esta cidade o hiate *Ascensão*, morrendo todos os tripulantes, á excepção d'um que pôde safar-se de debaixo do barco.

O mar era alteroso e o vento soprava com violencia. O hiate ao cambar as velas foi surprehen-

dido por uma rajada impetuosa, que o voltou colhendo toda a tripulação.

O navio vinha do Porto, em lastro, e pertencia á praça d'Ilhavo, bem como a marinagem.

Immediatamente á noticia do sinistro partiram para a barra os srs. piloto-mór e director da alfandega.

Principiaram na terça feira no lycen d'esta cidade os exames de instrucção secundaria.

Desde quarta feira que o sal tem tido um movimento poucas vezes visto. O preço é de 24\$000 réis, o barco, com pronunciadas tendencias de instabilidade.

As marinhas produzem pouco, porque a humidade das noites inutilisa a crystallisação operada pela atmosphera do dia.

Se a procura continuar em larga escala, o sal deve encarecer.

Está em Farminhão com sua esposa e filhos o sr. João de Campos, capitão de cavallaria n.º 10.

S. ex.ª foi a Vizeu para ser submettido á inspecção da junta militar de saude.

A camara municipal, para fabricar popularidade ao ministro da guerra que passou ahi no domingo, obrigou os operarios que trabalham no quartel a estarem na gare á chegada do ministro, sob pena de ser despedido aquelle que não comparecesse.

Os operarios cançados de trabalhar lá tiveram de se erguer de madrugada para cumprimentar o sr. visconde de S. Januario e evitarem um fiasco pela ausencia de comparsas para encher a plataforma e corresponder ao vivo-rio.

Até fazem de ti, pobre operario, um misero fantoche.

O expediente camarario foi, ridiculo e cruel.

O municipio de Paris fixou em nove horas o dia normal de trabalho, nas obras da cidade.

Emquanto o municipio de Paris, um municipio composto de *pedreiros livres*, de *vermelhos*, em fim de homens que a estupidez da burguezia aponta ás iras populares sob os nomes mais feios, o municipio de Aveiro, um municipio de irmãos das-Almas e do coração de Maria, explora rudemente o suor do operario, extenuando-o e pagando-lhe com uma mesquinhez que revolta.

Havemos de fallar mais de espaço sobre esse assumpto. Os tristes proletarios que trabalham no quartel de Sá são victimas de uma flagrante extorsão. Os salarios são diminutissimos. Não é assim que se fazem economias. Façam-n'as, que bem precisam d'ellas, mas não roubem o suor ao pobre. Isso é torpe, é anti-humanitario, é vil.

Falla-se ahi nos soalheiros do clero em estabelecer-se n'esta cidade um outro collegio de jesuitas para individuos do sexo masculino, no genero do que existe no antigo mosteiro de Jesus, havendo-se já entrado em negociações para a compra ou aluguer de edificio com os requisitos apropriados ao fim.

Não descançam um momento os inimigos da luz. Com o trabalho de sapa, persistente, ferrenho, o elemento jesuitico está profundamente enraizado no solo portuguez. Não ha nada a esperar da monarchia que outr'ora indignada promulgou leis que expulsaram de Portugal os irmãos de Loyola. Só uma energica reacção popular ou um governo serio poderá aniquillar a obra dos toupeiras, esmagando-lhes a cabeça.

N'esta terra já não ha liberaes; Aveiro já não é a terra cujos filhos eram os primeiros a erguer o pendão da revolta quando viam ameaçados os creditos da

patria. Aveiro, salvo rarissimas excepções, é um povo de egoistas ignobéis e ambiciosos sordidos, que consentiria de bom grado na prostituição da familia pelo primeiro libertino que lhe arremessasse um punhado de ouro. Chegou a um infimo grau de decomposição moral.

A guerra ao jesuitismo não é, não deve nem pode ser apanagio exclusivo d'um partido. É uma necessidade de interesse commum, cujos efeitos beneficos se reproduzem fatalmente na familia, que os que se prezam, os que tem sentimentos fidalgos, os que tem energia e valor para abdicar os pruridos do aviltamento mercenario, desejam ver em toda a sua limpidez, com toda a pureza do lar, onde haja amor, paz, harmonia.

Nem todos os espiritos estarão obsecados; nem todos descoñhecerao que o jesuita trabalho com a prudencia d'um scelerado covarde, e que só fere quando o golpe é certo e fatal; mas quando fere é inexoravel e cruel como a panthera de Java. A victima pode contorcer-se á vontade na mais horripilante das agonias, que o monstro só terá o riso dos verdugos para a sua dor; terá um sarcasmo para cada lagrima, um desdem para cada lamento.

A pomba deixou um vivo rasto de sangue quando o abutre arrebatou. E' então que as garras despedaçam cruamente as entranhas da familia, e o coração alanceado pela dor se entrega ao desespero de um golpe que aniquilou d'uma só vez a tranquillidade do lar. E' depois que cahem as vendas do espirito e invocam to os diabos da lenda contra o criminoso que lhe entrou em casa com a alma da filha arremessada pela ingenuidade dos paes ao charco da degradação.

Paes e mães de familia que prezaes altivos a honra do vosso lar, em guarda com a corja.

A camara municipal d'Arruda estabeleceu no seu código de posturas, que os aguilhões dos carreiros não podessem ter mais de metro e meio de comprimento de vara e sete millimetros de ferro prohibindo ao mesmo tempo que na extremidade, junto ao ferrão, houvesse qualquer armadura metallica, que transformasse aquelles instrumentos em armas de aggressões perigosas.

A camara aveirense governada aliás *in nomine* por um seraphico vereador que até receia matar os vermes da terra quando passeia, não é capaz de conter as brutalidades da maior parte dos carreiros, que ahi a cada momento nos fazem indignar com os tratos selvagens que applicam aos animaes.

Depois que o progressismo da parvonia alardeou a sua tolerancia, já foram decapitados o capitão do porto de Aveiro e o presidente da commissão revisora d'este districto, dois funcionarios dignissimos, que nunca se prestaram ás bandalheiras da politica de campanario.

Isto é que é gente.

Parece a um collega que as córtes serão convocadas para uma sessão extraordinaria, a fim de, perante as duas camaras, sua alteza o principe regente, ratificar o juramento.

Ainda agora chegaram os escrupulos. O paiz dispensa essa fórmula. Já agora vá tudo como d'antes... vá a nau do Estado singrando no pantano.

A epidemia do cholera, que actualmente grassa na Italia, tem mais gravidade do que se supõe.

Os correspondentes dos jornaes inglezes affirmam que as autoridades falsificam o numero de victimas, occultando a verdade.

E' deploravel este facto, pois

que são quasi nullas as precauções que se adoptam.

Em Fontana, por exemplo, uma povoação de somenos importancia, o termo medio de invasões diarias é de 80 e os obitos de 35.

Não obstante, nós vamos dormindo o somno dos innocentes e dos indolentes.

O nosso presado amigo sr. José Maria Letra, de Sever do Vouga, quando ha dias regressava do Porto em companhia de seu irmão o sr. José Tavares da Silva Letra, tiveram em Estarreja um grave incidente, para o qual chamámos a attenção do administrador d'aquelle concelho, e da direcção da Companhia de Viação do Vouga.

Segundo diz o nosso amigo, um do cavallos da companhia precipitou-se sobre elle que montava n'uma egua, e por pouco que não o mata. O sr. Letra ficou desmontado, porque a egua lhe fugiu espantada. Observando aos empregados da companhia o perigo que correra, originado na imprudencia de trazerem o gado solto pelas vias publicas, aquelles ainda o trataram inconvenientemente.

Ahi fica a queixa. Nem Estarreja é um burgo podre, onde se consintam taes irregularidades, nem a Companhia de Viação do Vouga deve deixar correr os seus creditos por mãos d'empregados grosseiros.

O furor dictatorial da Granja até se cevou em uns pobres edificios da praia da Torreira, que foram arrasados na manhã de segunda feira, a pretexto de impedirem a navegacao, etc., quando é certo que aquella violencia obdeceu a inspirações de favoritismo.

Para a demolição, partiu d'aqui, pela calada da noute do ultimo domingo, um nucleo de operarios, e uma força de cavallaria a prevenir qualquer eventualidade.

As construcções eram de individuos pobres.

Repugnantes dictadores.

Na Covilhã foi condemnado em oitenta dias de prisão correcional um fanatico, Francisco Fortuna, accusado de ter espancado um outro individuo por este não tirar o chapéo quando tocavam as ave marias.

Ora aqui está o feitico voltado contra o feiticeiro.

Foi distribuido o n.º 307 da *Bandeira Portuguesa*. Continua os escandalos da policia e entre outros artigos publica a noticia desenvolvida de uma opera nova *O escravo do Guarany*.

Na parte artistica, vemos um trecho para piano intitulado *Florentine*, transcripto da opera *Bocaccio*, pelo conhecido maestro Freitas Gazul.

Assignatura, trimestre 700 rs. Assigna-se na rua dos Fanqueiros, 207 1.º, Lisboa.

Refere o *Diario de Annuncios*, de Ponta Delgada:

O hiate *Novo Machado 2.º*, que ha poucos dias sahira d'aqui para a Madeira, veiu hontem ao nosso porto buscar os despachos que havia deixado na alfandega por esquecimento!

A camara municipal de Nellas abriu concurso para o provimento da escola complementar do sexo feminino na sede do concelho, com o ordenado de 180\$000 reis.

Os charlatães são o que são. E' pena que o paiz esteja tão bestializado que não saiba ou não possa correl-os a chicote.

Como é sabido, já foi publicado o decreto fixando os subsidios ao presidente da camara dos de-

putados em 240\$000 reis mensaes, não podendo exceder de 960\$000 reis e aos deputados em 100\$000 reis, idem, não podendo exceder de 400\$000 reis, qualquer que seja a duração da sessão parlamentar.

Pois esses mesmos charlatães que querem lançar poeira nos olhos da nação com *pruridos* de economia bolorenta, não acceitaram a proposta do deputado republicano Consiglieri Pedroso, na qual se fixava 50\$000 reis mensaes a cada deputado.

São uns alhos... no charlatanismo porco.

O numero de annos de serviço exigido ao empregado publico para que se possa reformar, é fixado em trinta pelo recente decreto do sr. ministro da fazenda; o operario, porém, segundo o mesmo decreto, necessita quarenta annos de trabalho para ganhar direito á reforma.

Quer dizer: o ocioso que passa vida folgada, palestrando nos corredores das secretarias, é considerado pelo sr. ministro da fazenda como mais mercedor da reforma do que o operario, que leva vida triste e amargurada, produzindo as riquezas que os outros gosam e monopolisam!

O sr. Arthur Mesnier aconselha que para se conservar o trigo durante muitos annos, se devem colher folhas verdes de nogueira, e espalhar-as por entre os montes de trigo, á medida que este vae entrando no celeiro, e de tempos a tempos remexer-se o trigo de modo que todos os grãos possam partilhar do contacto das folhas. Esta preparação deve ser renovada todos os annos.

As folhas, que seccam promptamente, separam-se com facilidade quando se joeira o trigo, o cheiro activo da nogueira ainda prevalece depois de joeirado e até mesmo na farinha; mas desaparece totalmente pela fermentação e cosadura do pão, ficando então com um gosto puro e de perfeita qualidade.

Noticiam do Pará um acontecimento curioso, mas cujos resultados iam sendo fataes.

Um individuo de nome João Pereira foi recolhido ao hospital da Santa Casa, por achar-se bastante enfermo e em estado de embriaguez. Momentos depois, parecia que o infeliz tinha deixado de existir e logo trataram de enval-o ao cemiterio. Na occasião, porém, em que iam deitar o supposto cadaver no caixão, João Pereira deu signaes de vida, o que lhe evitou a incommoda viagem.

Por pouco não era enterrado vivo.

A miseria de Londres é ainda e será um dos quadros mais lugubres da humanidade soffredora. Um jornal parisiense publicou sobre a condição das classes pobres, de Londres, uma informação que deve ser um pezadello para os grandes favorecidos da sorte, se é que elles tem animo para sentir as privações dos pobres.

A cidade mais rica do mundo — diz essa informação — encerra dentro dos seus muros a miseria mais atroz.

Um inspector da saude encontrou uma cova que servia de alojamento a uma familia inteira, composta de pae, mãe, e quatro filhos.

N'outra habitação sotterranea encontrou um homem atacado de variola, sua mulher que acabava de dar á luz o oitavo filho, cinco creanças completamente nuas e cheias de immundicie, e outra creança já morta.

Outra pocilga encerrava uma familia de oito pessoas, duas das quaes estavam atacadas de escarlatina.

N'outro ponto comiam e dormiam nove individuos...

Finalmente, o relatório do referido delegado de saude, que de-

ve suppôr-se isento de todas as paixões partidárias, encerra uma descripção de misérias e de horrores que indigna e revolta!

Uma grande parte dos miseráveis apenas se alimenta de carne de cão e de gato.

Segundo a mesma estatística official, 48 p. c., quer dizer, metade dos operários inglezes, não podem tomar um copo de cerveja por dia; 28 por cento, mais da quarta parte, não conhecem o gosto do leite; e, finalmente, a maior parte d'elles só podem ministrar-se uma diminuta ração de pão por dia.

## DESPEDIDA

**SIMÃO MONTEIRO DE CARVALHO & C.ª**, tendo partido para a praia d'Espinho, onde foram abrir a filial da sua casa de modas, na forma dos annos anteriores, despedem-se dos seus numerosos clientes e amigos, offerecendo-lhes os seus serviços n'aquella praia, onde se conservarão por toda a epocha balnear.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Simão Monteiro de Carvalho & C.ª.

## CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente autorisados.

O nosso amigo sr. Augusto d'Oliveira estabeleceu no Porto, na rua de Cedofeita, 210, 1.º andar uma

### AGENCIA CENTRAL

na qual aprompta papeis para casamentos, passaportes e passagens. Fazem-se memoriaes e requerimentos para todas as repartições publicas do reino; sollicitam-se documentos das mesmas; legalisam e expediente de cartas rogatorias para paizes estrangeiros, bem como o respectivo andamento quando regressam cumpridas; promovem-se averbamentos de quaesquer titulos de credito; encartes de empregos publicos ou officios e registos nas conservatorias. Tramam-se negocios em todos os tribunaes; recursos do recrutamento; despachos na alfandega e caminho de ferro. Encarrega-se de traducções do hespanhol, frances e inglez, cobrança de dividas, foros e pensões, publicações d'annuncios, compras, vendas, pagamento de contribuições, e finalmente de qualquer negocio concernente a agencias d'esta ordem. Tudo por preços modicos com a maxima atividade.

A agencia resolve igualmente encarregar-se de PERGUNTAS e RESPOSTAS.

Se algum individuo desejar orientar-se sobre negocio ou pessoano Porto, será satisfeito promptamente, mediante a retribuição de 500 reis, sendo a resposta dada pelo correio, ou 700 reis, sendo pelo telegrapho.

Estas quantias deverão acompanhar a pergunta, em sellos ou estampilhas do correio.

## HISTORIA

DA

# REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magníficos retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha e dos homens mais notaveis do seculo XIX.

## GRANDE EDIÇÃO PATRIOTICA

Valiosos BRINDES a cada assignante, consistindo em 4 magníficos QUADROS compostos e executados por professores distinctos de Bellas Artes.

Os BRINDES distribuidos a cada assignante vender-se-hão avulsos por 50 mil réis.

A obra publica-se aos fasciculos, sendo um por mez. Cada fasciculo, grande formato, com 64 paginas custa apenas 240 réis sem mais despeza alguma.

No imperio do Brasil cada fasciculo 800 reis fracos.

A obra é illustrada com notaveis retratos em numero superior a 40.

Esta collecção de retratos, rarissima, vende-se hoje, quando apparece, por 12 e 15 libras.

A obra completa, que comprehende 4 volumes grandes não ficará ao assignante por mais de 108000 reis fortes.

Já se distribuiu o 1.º e o 2.º fasciculo d'esta obra notavel pela belleza dos retratos, pelo esmero da edição e pela competencia e elevação com que é escripta pelo conhecido escriptor José d'Arriaga.

Está aberta a assignatura para esta notavel edição em todas as livrarias de Portugal e Brasil e na

LIVRARIA PORTUENSE DE LOPES & C.ª—EDITORES

RUA DO ALMADA, 123—PORTO

Recebem-se propostas para correspondentes em todo o palz e no estrangeiro.

## BIBLIOGRAPHIA

**Revista de Medicina Desimetria.** Recebemos o numero 8 do 7.º anno

Assigne-se na pharmacia M. J. Pinto & C.ª, Loyos, 36—Porto.

**Republicas.**—Sahiu o n.º 82 8.º da 3.ª serie).

Toda a correspondencia deve ser dirigida a A. Barros, rua Nova do Carmo, 90, 1.º—Lisboa.

**O Pastelleiro de Madrigal.**

—Recebemos o fasciculo n.º 39. E' editora a Empreza Noites Romanticas.

Assigna-se em Lisboa, na rua d'Atalaya, 18.

**Os milhões do criminoso.**

Recebemos o fasciculo 35 d'este esplendido romance editado pela empreza Serões Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa.

**A Illustração Portuguesa.**

—Recebemos o n.º 4 do terceiro anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35; 1.º andar—Lisboa.

## Publicações litterarias

### NOVO CODIGO ADMINISTRATIVO

(Reforma administrativa)

Acha-se já venda o Novo Codigo Administrativo, publicado pela Empreza do «Parlamento», n'um bem impresso volume de 230 paginas, aproximadamente.

Esta edição é revista e conferida com o maior cuidado pela do «Diario do Governo» e feita em excellente papel, contendo, além do Codigo, o decreto e mais documentos officiaes, que o precedem.

O preço é de 500 rs., dando-se aos que comprarem de 40 até 50 exemplares 20 por cento de desconto sobre o preço da venda, e 25 aos que comprarem até 100.

Já se acha concluida a impressão das actas para as eleições de todos os corpos administrativos, em harmonia com o novo Codigo. Preço, 90 rs. cada caderno em magnifico papel almasso.

Todos os pedidos devem ser feitos á Empreza do «Parlamento», Largo do Rocio, 52, 54,—AVEIRO.

## NOITES ROMANTICAS

Editor—F. N. Cellares

LISBOA—Rua da Atalaya, 18

PORTO—Rua de Santo Ildefonso, 8

## A ALCOVA

DAS PRINCEZAS E RAINHAS

GRANDE ROMANCE HISTORICO POR

JULIO BAUJOINT

Tradução de J. G. Costa

Scenas escandalosas da vida de diversas princezas e rainhas, em que figuram Cleopatra, Messalina Joanna, rainha de Jerusalém, Catharina II, da Russia; Leonor Telles, de Portugal; Maria Stuart, Maria de Médicis, Anna d'Austria, e tantas outras rainhas, e que revelando os terriveis mysterios da torre de Nesle, termina em Maria Antonietta, cuja cabeça embranquecida na prisão n'uma noite de angustia, caiu no cesto da Guillotina.

40 reis. cada folha de 8 paginas—Estampas a 10 reis.—50 reis. semanaes por 5 folhas ou 4 e uma estampa.

Brindes aos angariadores de 6 a 40 assignaturas.

Dão-se prospectos no escriptorio da Empresa, Rua da Atalaya, 18, 1.º—Lisboa—em todas as estações telegraphicas e livrarias do reino.

ARNALDO GAMA

## O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

(2.ª edição illustrada)

O incançavel editor portuense, Eduardo da Costa Santos, já tem muito adiantada a publicação do «SARGENTO-MÓR DE VILLAR» (2.ª edição illustrada.)

A obra constará de dois volumes in 8.º, e será illustrada com doze gravuras. No Porto, será distribuida em cadernetas de 64 paginas e uma gravura, pelo preço de 100 reis cada caderneta, pagos no acto da entrega. Não excederá a 12 cadernetas, que serão distribuidas quinzenalmente.

Para as provincias só se accitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de CINCO FASCICULOS, excluindo as despesas de porte do correio, que serão pagas á custa da casa editora.

Concluida a publicação da obra, a casa editora distribuirá por todos os srs. assignantes uma esplendida gravura executada expressamente na Alemanha.

Assigna-se na Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, Editor, Rua de Santo Ildefonso—4 e 6—PORTO.

## VICTOR HUGO

### OS MISÉRAVEIS

Explendida edição portuense, illustrada com 500 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanaes de 32 paginas ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

## ANNUNCIOS

### BILHAR

VENDE-SE um, francez, de pau santo, em muito bom estado, com tacos, taqueira, trez bolas grandes, e cinco pequenas de jogar as russianas.

Quem pretender, n'esta redacção se diz.

## Venda de Carro

ACHA-SE á venda um phaeton novo na officina dos irmãos Gammellas, na rua do Sol, d'esta cidade.

## VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, autorizado pelo governo, e aprovado pela Junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgaos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se trez vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pess oas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceptar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolveros das das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

## GENEBRA—MOREIRA & C.ª

CHAMAMOS a attenção de todos os srs. consummadores para estas qualidades de genebra E' a mais barata, a mais estomacal e a melhor até hoje conhecida.

Tem acolhimento geral em todo o paiz, e foi premiada na ultima exposição de Lisboa.

Deposito: Todos os estabelecimentos de mercearia e muitos outros no Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) Mor.ª & C.ª, e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

## JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

—AVEIRO—

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

## SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

DA

## COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 reis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,,"

AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 9—7 (Pegado á Caixa Economica)

## XAROPE PEITORAL DE MAYA

Muito util no tratamento das pneumonias. Combate de prompto as tossees convulsas e bronchites.

## ANTI-RHEUMATICO DE MAYA

Com o uso de quatro a seis fricções d'este precioso medicamento, desaparecem immediatamente as dores nevralgicas, dores das juntas, e rheumatismo muscular.

## Injecção d'Young

Remedio efficaz no tratamento das purgações tanto antigas, como modernas.

## POMADA DO DR. MORAES

A mais efficaz para obter a cura das impigens, herpes, e muitas outras moléstias de pelle.

Todas estas especialidades se encontram á venda na pharmacia de Francisco da Luz, & F.ª, em Aveiro, e na pharmacia Maya, em Oliveira do Bairro; aonde se satisfaz de prompto qualquer pedido tanto em grande escala, como em pequena, pelo correio.

## Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente autorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitais. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

## Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente autorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas do leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.